

“Negociação convencional é a única saída viável”

por Ronaldo D'Ercole
de São Paulo

A decisão do governo brasileiro de voltar a negociar com os credores dentro de bases convencionais representa a única saída viável para o problema da dívida externa. Sem uma aproximação efetiva do País junto aos organismos internacionais — o que incluiria um acordo formal com o Fundo Monetário Internacional (FMI) —, o Brasil se colocaria numa posição de “marginalidade” dentro do sistema financeiro mundial.

A importância da guinada na postura das autoridades brasileiras para o novo “round” de discussões com o comitê de bancos credores — que foram retomadas ontem nos Estados Unidos — é assim reconhecida por Igor Cornelsen, representante senior da subsidiária do Libra Bank, inglês, no Brasil. Segundo ele, a flexibilização da posição brasileira é inteiramente acertada pois, “primeiro o País deve conseguir fechar um acordo dentro dos padrões tradicio-

nais para, depois, aos poucos, conquistar melhores condições, como a securitização, para o pagamento dos novos débitos a vencer”.

Cornelsen vê como absolutamente natural o fechamento de um acordo com o FMI. Em sua opinião, o argumento de que isso levaria a economia brasileira a um processo recessivo não se justifica. “O País já está em recessão, e irá passar por esse processo com ou sem a participação do FMI.” A suspensão da moratória é, também, outra medida indispensável ao avanço dos entendimentos com os credores. “Sem a suspensão da moratória, não há negócio”, assinala o banqueiro.

Um acordo convencional com os credores agora, acrescenta Cornelsen, seria bastante favorável ao País, na medida em que facilitaria a liberação de recursos pelos organismos internacionais e, ao mesmo tempo, resgataria a sua credibilidade, um tanto abalada, junto à comunidade financeira internacional.